

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: Narcóticos 650

Data: 05/04/87

Pg.: 29

Noticiário Geral

Na Colômbia, a difícil guerra contra a cocaína

THE NEW YORK TIMES MAGAZINE

Carlos Lehder Rivas acreditou estar salvo de ser preso. De fato, em toda a Colômbia, havia provavelmente apenas um punhado de autoridades pensando que ele ou qualquer um entre meia dúzia de outros traficantes bilionários de cocaína pudessem ser alcançados pela lei. Afinal, os "mafiosos", haviam desafiado várias vezes o governo, através do terror e da corrupção, haviam-se tornado sob vários aspectos mais poderosos do que o Estado.

Por isso, foi um choque quando Lehder, um homem bem-apegoado, arrogante, com 36 anos, foi preso, com 14 guarda-costas. Dentro de poucas horas, estava a bordo de um avião do governo dos EUA a caminho da Flórida para enfrentar uma longa lista de acusações relacionadas a drogas.

A deportação de Lehder provocou arrepios de medo em toda a Colômbia. Nas últimas semanas, os líderes do país acordaram tardiamente para certas verdades: que seu país foi tomado como refém pelo crime organizado. "Os traficantes de narcóticos estão-se tornando um superestado devido a sua enorme riqueza", observou recentemente o procurador-geral Carlos Mauro Hoyos. "Mas se nos deixarmos intimidar pelo medo ou pelo poder dessa gente, nosso futuro será cada vez mais incerto."

Para William Jaramillo Gomez, "esta é a pior crise de toda nossa história, porque é uma crise de valores". Político corajoso e franco, Jaramillo conhece o problema como prefeito de Medellín, a capital mundial do império da cocaína, uma cidade tão perigosa que a Administração de Repressão às Drogas dos EUA há muito tempo fechou seus escritórios ali.

O presidente da Colômbia, Virgílio Barco Vargas, que assumiu o cargo em agosto passado, dera pouca prioridade ao combate contra os narcóticos até o fim de dezembro, quando um surto de violências relacionadas com drogas o forçou a agir. A ofensiva que lançou então deu resultados medíocres até a captura de Lehder. Mas a extradição de Lehder, sob acusação de tráfico de drogas, poderá provocar represálias dos chefes do mundo das drogas.

As armas necessárias na guerra contra as drogas foram praticamente neutralizadas pela violência ou pelo suborno. A polícia e as Forças Armadas, por medo ou por terem recebido dinheiro, deixam de agir contra os importantes traficantes, mesmo quando se conhece seu paradeiro. O Congresso, apinhado de políticos cujas campanhas eleitorais foram financiadas com dinheiro das drogas, mantém silêncio sobre o assunto. Membros dos tradicionais partidos Liberal e Conservador estão sabidamente ligados ao cartel da cocaína, assim como grupos de guerrilheiros esquerdistas também encontraram argumentos para justificar a aceitação de dinheiro das drogas. Os tribunais ficaram paralisados pela sucessão de juízes — 57, na última contagem — que foram assassinados por recusar suborno ou por ignorar as ameaças de operadores das drogas. Até mesmo a Igreja Católica, que até há três anos aceitava doações caridosas de chefes das drogas em busca de respeitabilidade, surpreendentemente pouco tem tido a dizer sobre o assunto.

Entre os poucos colombianos que denunciaram publicamente os "capos" da cocaína destacam-se os jornalistas. Em represália, 24 foram mortos nos últimos três anos. Guillermo Cano Isaza, diretor e editor de *El Espectador*, o segundo maior jornal de Bogotá, escreveu que "é

como se o próprio público estivesse drogado, incapaz de ver que o poder dos traficantes de narcóticos está crescendo de maneira colossal". Quando dirigia seu carro, sozinho e desarmado, em 17 de dezembro, foi assassinado por dois homens armados.

A cocaína circulava há muito tempo. Era até mesmo elegante em círculos aristocráticos na Inglaterra vitoriana — mas o "talento" especial dos novos mafiosos da Colômbia era transformar a cocaína em uma droga de mercado de massa, suficientemente barata para estudantes e secretárias, suficientemente "segura" pra banqueiros e comerciantes.

A máfia da cocaína financia guerrilheiros, doa dinheiro à Igreja, corrompe policiais. E já se ofereceu até para pagar a dívida externa da Colômbia, no valor de US\$ 13 bilhões.

Pedro Escobar Gaviria, o primeiro da lista mundial dos traficantes de cocaína mais procurados, é chamado reverentemente pelos habitantes de Medellín de Don Pablo, o que parece razoável para alguém que, segundo se diz, vale mais de US\$ 2 bilhões. Há depois os Ochoa, também de Medellín: Don Fabio, o pai, e seus filhos Fabio, Juan David e Jorge Luis, cujo envolvimento na cocaína levou à classe dos bilionários. Carlos Lehder Rivas, agora aguardando julgamento na Flórida, completa o alto comando do chamado cartel de Medellín, embora venha da cidade de Armênia, cem milhas ao Sul. Desde 1978, este cartel contrabandeou cerca de US\$ 10 bilhões ou mais de cocaína pura para os Estados Unidos.

Por que Medellín? Primeiro, por sua localização estratégica no Noroeste da Colômbia e excelentes conexões aéreas. Depois, também, a notável cobertura oferecida para os laboratórios clandestinos de cocaína pelas onduladas colinas que a rodeiam.

Expansão

A penetração foi tão espetacular que logo o descritivo "narco" começou a ser aplicado a qualquer um que se julgava estar influenciado de alguma forma pelos capos: narco-guerrilheiros, narco-jornalista, narco-juízes, narco-políticos, etc.

A prisão de Carlos Rivas, traficante bilionário, foi o início de uma guerra contra a máfia das drogas. Juízes, autoridades, jornalistas morreram ao tentar impedir a escalada do narcodólar.

Lehder chegou a fundar seu próprio diário, *Quindío Libre* e formou o Partido Latino Nacional para ajudar a agitar a indignação nacionalista com a idéia de colombianos serem julgados por um tribunal estrangeiro. A propaganda insinuava que todos na Colômbia se beneficiavam, de certa forma, com os "narco-dólares", que entravam no país. A mensagem pareceu ter sido bem recebida. Quatro anos depois, embora se acumulassem os pedidos americanos, o presidente Betancur não havia assinado uma única ordem de extradição.

Então, no outono de 1983, Rodrigo Lara Bonilla, o recém-nomeado ministro da Justiça, ordenou a prisão de traficantes de drogas "extraditáveis". Os capos sentiram-se ameaçados. Em abril do ano seguinte depois de agentes colombianos e americanos darem uma batida em um laboratório na selva, e apreenderam a

quantidade sem precedentes, de 27,5 libras de cocaína pura.

Desta vez, o público reagiu com indignação. Ecoando as emoções do momento, o presidente Betancur declarou "uma guerra sem armistício" contra os traficantes de narcóticos e, sem demora, assinou a ordem pendentes de extradição de Carlos Lehder que, porém, só foi executada quase três anos depois.

Os principais traficantes fizeram um gesto de paz, um convite quase insolente ao presidente Betancur para "considerar nossa reincorporação, no futuro próximo, na sociedade colombiana". Em troca da não aplicação retroativa do tratado de extradição, ofereciam retirar-se das atividades de narcóticos, afastar-se da política e repatriar seu capital, que estaria escondido em contas nos Estados Unidos, no Panamá e na Europa Ocidental. (Uma oferta menos formal, dois anos depois, sugeria que também pagariam a dívida exterior de US\$ 13 bilhões da Colômbia).

Ainda mais assombroso, um ex-presidente da Colômbia, Alfonso López Michelsen, estava disposto a discutir a oferta com Pablo Escobar e Jorge Luis Ochoa em uma reunião secreta no Panamá, para onde os capos haviam fugido.

Na realidade, não demorou muito para que os traficantes voltassem a Medellín. Em novembro de 1985, guerrilheiros do Movimento de 19 de abril, ou M-19, ocuparam o Palácio da Justiça no centro de Bogotá e, segundo autoridades americanas, imediatamente destruíram todos os documentos relacionados com extradições pendentes, como parte de um "contrato" com os chefes das drogas. Enquanto o Exército contra-atacava, 11 dos 24 juízes do Supremo Tribunal do país estavam entre os que foram mortos.

A riqueza e o poder violento do império das drogas permanece intacto, enquanto juízes ainda vivem apavorados e aumentam as ameaças contra jornalistas. "Pela primeira vez em minha vida, estou dirigindo um carro à prova de balas", afirma Hernando Santos, editor de *El Tiempo*.

É possível que o maior problema do governo seja o crescente espírito de ressentimento pelo preço que a Colômbia está pagando por emprender sua guerra contra as drogas. Os colombianos acham cada vez mais que seu país foi tomado como refém por uma máfia criada, mantida e financiada pela procura das drogas nos EUA.

A idéia de legalizar os narcóticos como um meio de dismantelar a máfia da cocaína não é nova, mas foi significativo que tenha sido proposta em dezembro passado por um eminente jurista, Samuel Buitrago Hurtado, presidente de um tribunal e administrativo "senior", conhecido como Conselho de Estado. A sugestão foi oficialmente descartada como "absurda", porém desde então adquiriu nova respeitabilidade.

Entretanto, a Colômbia permanece encurralada. Enquanto um debate cada vez mais acalorado acompanha a ofensiva de seu governo, o país está envolvido numa guerra para vencer, na qual terá de pagar um preço enorme e pagará um preço ainda mais alto se perder.

O preço da derrota será o solapamento total dos esteios políticos, sociais e morais pela violência e pela corrupção. Mais do que nunca, a Colômbia está lutando agora por sua própria sobrevivência.